

PUZZLE ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA¹

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá*

“O historiador não vem só preencher as lacunas da memória. Ele constantemente contesta até mesmo aquelas lembranças que sobreviveram intactas”.

Y. Yerushalmi²

A história e a memória estão vinculadas, mas suas relações foram sempre complexas, mutáveis e conflitantes. A idéia de *puzzle* para explicar essas relações remete-nos ao próprio mito grego de Mnemósine. Como nos recorda Emmanuel Carneiro Leão, em Mnemósine, filha do céu e da terra e mãe de todas as musas, encontramos jogo e música, dança e poesia, representação e movimento. Esta palavra diz a concentração da linguagem, a condensação do pensamento. Segundo o autor, o seu radical *émen* remete às experiências primogênicas de pensar, refletir, meditar. Assim, “para um grego, toda realização huma-

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe

¹ Conferência de Encerramento do I Congresso Sergipano de História. Aracaju/SE: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe/Associação Nacional de História – Núcleo de Sergipe. 8-10 outubro de 2008.

² YERUSHALMI, Yosef Hayim. *Zakhor: Jewish History and Jewish Memory*. Seattle and London: University of Washington Press, 1996, p. 94 (tradução livre do autor).

na vive do fogo e se origina no furor do pensamento”. A lição do mito primordial de Mnemósine – a memória criadora – é, pois, a entrega de uma experiência primigênia, a experiência arcaica dos primórdios. “É, no sentido desta experiência primordial, que Mnemósine, a memória geradora, se tornou no jogo do amor, a mãe de todas as forças criadoras da condição humana, as musas”³.

Então, no alvorecer da Grécia clássica, história e memória se encontravam interligadas em uma das mais antigas metáforas mitológicas do Ocidente, na qual a relação entre Clio com sua mãe, Mnemósine, é condição necessária para a existência uma da outra. Para Hesíodo, por si o homem não pode obter ao conhecimento da verdade, apenas através de um determinado tipo de divindade que o inspira. Sabendo da sua falibilidade, Hesíodo cantou o que as Musas lhe disseram, mesmo não dizendo a verdade. Em sua proposta, a presença de Mnemósine é considerada como pré-condição do raciocínio humano⁴.

Em Heródoto, a busca da preservação da tradição caminhava com a necessidade de se encontrar a verdade. Quando Heródoto assumiu o dever de registro de tradições, ele foi além do simples salvamento dos fatos do esquecimento, pois dirigiu a investigação histórica no sentido da exploração do desconhecido e do já esquecido. Em sua obra, a memória articulava-se positivamente à tradição oral e o critério de veracidade não se distanciava de seus domínios. Seu método consistia em estabelecer a verdade pelo cruzamento de testemunhos. Já Tucídides distancia-se de Heródoto por considerar que o passado leva ao presente por simples progressão e a única maneira de conhecê-lo é partindo do presente. Para ele, a história contemporânea é central na investigação histórica tanto por nela encontrar algo de imutável na

³ LEÃO, Emmanuel Carneiro. O esquecimento da memória. In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 153: 143/147, abr.-jun., 2003 [144 e 146].

⁴ BARRERA, José Carlos Bermejo. La historia, la memoria y el olvido. In: BARRERA, José Carlos Bermejo & MONROY, Pedro Andrés Piedras. *Genealogía de la Historia: Ensayos de Historia Teórica III*. Madrid: Akal, 1999, p. 173-174.

natureza humana, quanto é única forma que pode ser narrada com relativa confiabilidade. Por outro lado, Tucídides, ao concentrar sua obra em um período, um país, uma atividade, acaba por oferecer uma análise mais refletida e experiente dos destinos humanos, especialmente pelo fato que ele nunca se contentava em descrever algo sem assumir a responsabilidade pelo que registrava⁵. Na obra tucídideana, há a reivindicação de que a escrita é um meio de fixação do acontecimento, fazendo a imutabilidade do escrito uma garantia de fidelidade. Nesta leitura, ele ressalta a fragilidade da memória, tanto a alheia quanto a sua. Daí que não pode confiar nem na sua exatidão nem na sua objetividade⁶.

As ressonâncias clássicas da relação história-memória somente serão deslocadas em meados do século XVIII, quando Voltaire afirma que a história não é questão de memória, mas de *razão*⁷. Ao longo do século XIX, a consolidação da disciplina da história e a profissionalização do historiador impuseram o domínio dos documentos escritos como fonte, em detrimento da tradição oral, excluindo, assim, do discurso histórico a memória em favor do fato. Nesta época, os historiadores identificavam as memórias como uma fonte dúbia para a verificação dos fatos históricos⁸. No âmbito da chamada história “tradicional”, o historiador se apoderava da memória nacional e republicana para estruturá-la e arraigá-la em uma continuidade. A história aclarava o presente, pois o passado estava misturado no presente.

⁵ MOMIGLIANO, Arnaldo. A Tradição Herodoteana e Tucídideana. In: _____. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 53-83.

⁶ GAGNEBIN, Jeanne Marie. O Início da História e as Lágrimas de Tucídides. In: _____. *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 26; MITRE, Antônio. História, memória e esquecimento. In: *Dilemas do Centauro: Ensaios de teoria da história e pensamento latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, p. 23.

⁷ DECCA, Edgar Salvadori de. Desavenças da história com a memória. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

⁸ KLEIN, Kerwin Lee. On the Emergence of Memory in Historical Discourse. *Representations*. University of California Press, Wntr 2000; FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. In: _____. (coord.). *Entrevistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 1.

Entretanto, em meados do século XX, a relação da história e da memória se inverte. Desde então, a história está posta a serviço da memória, como se deduz da prescrição do “dever” de memória dirigida aos historiadores e que define sua função social no presente⁹. Eis algumas razões para isto: a fascinação com a *experiência* da história, suplementando o interesse mais tradicional com as estruturas e eventos sócio-políticos; a crescente espontaneidade de vincular, explicitamente (ao invés de secretamente), a escrita histórica com as identidades de grupos particulares e o crescente sentimento de que a ordem social e cultural moderna tem uma tendência, na qual se precisa ativamente resistir, a obliterar a consciência do passado a partir das memórias pessoais¹⁰.

A emergência da memória na cena da discussão historiográfica contemporânea vincula-se, então, as questões levantadas tanto pela história oral, em sua proposta de registro e análise dos testemunhos orais acerca do passado, quanto da história do presente, obrigando a rever o pressuposto da ruptura com o passado como garantia de um conhecimento objetivo. Com isso se estabeleceu uma nova relação entre a história e a memória, ao se questionar o papel da memória coletiva na história e na construção das identidades coletivas, a memória e o esquecimento como fenômenos políticos etc. Desde então, a memória torna-se objeto da história, passando a existir uma história da memória¹¹.

Desenvolvida no âmbito de um campo fragmentado, a história da memória tem sido mais praticada do que teorizada. Henry Rousso a define como o estado da evolução das representações do passado,

⁹ PROST, Antoine. *Doce Lecciones sobre la Historia*. Madrid: Cátedra, 2001, p. 295-296.

¹⁰ MEGILL, Allan. Memory. In: *Encyclopedia of Historians & Historical Writing*. Cambridge: Fitzroy Dearborn, 1999. Capturado no endereço eletrônico <http://historyonline.chadwyck.co.uk> em 31/1/2004.

¹¹ MUDROVICIC, Maria Inês. Alguns consideraciones epistemológicas para una “Historia Del Presente”. In: *Hispania Nova: Revista de História Contemporânea*. n.º 1, 1998-2000. Capturado no endereço eletrônico <http://hispanianova.rediris.es> em 13/4/2000; HARTOG, François. A memória e o tempo. In: *O Correio da UNESCO*. Ano 18, n. 5, maio de 1990, p. 14-15.

entendidas como fatos políticos, culturais ou sociais, em que inclui tanto a análise histórica do acontecimento propriamente dito, como a análise de sua posteridade. Não se propõe aqui a análise de suas conseqüências, mas como se manifesta a sobrevivência ativa e passiva destas representações do passado no imaginário social e, portanto, nas práticas sociais das gerações posteriores. Neste sentido, a história da memória tem sido quase sempre “*uma história das feridas abertas pela memória*”, sobretudo uma manifestação das “*interrogações atuais e palpitantes sobre certos períodos que ‘não passam’*”¹².

Pierre Nora afirma que a novidade da história da memória reside no fato de que é uma história crítica como um todo e não somente por seus próprios instrumentos de trabalho. Segundo o autor, de agora em diante, a história entrou em sua idade epistemológica, na medida em que ela “... *não se interessa pela memória como recordação, mas como economia geral do passado no presente*”. Trata-se, então, de compreender a administração geral do passado no presente, mediante a desconstrução de seus pólos de fixação mais significativos, isto é, “*uma história crítica da memória através de seus principais pontos de cristalização ou, dito de outro modo, da construção de um modelo de relação entre a história e a memória*”¹³.

Talvez seja menos fácil do que se imagina falar da memória quando se é historiador, pois a sua prática profissional consiste, exatamente, em

“justapor restos, fragmentos de lembranças, muitas vezes dificilmente identificáveis, em envolvê-los com o imaginário para tentar ligá-los, reconstituir uma imagem, mas segundo esquemas que se retira, de qualquer forma, de si mesmo; e compor

¹² ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janáina(orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996, p. 95.

¹³ NORA, Pierre. La aventura de ‘Les Lieux de mémoire’. In: BUSTILLO, Josefina Cuesta (ed.). *Ayer*. Madrid: Marcial Pons/Asociación de Historia Contemporánea, n. 32, 1998 (número especial Memoria e Historia), p. 26 e 32-33.

assim um quadro que provém, com freqüência, menos do próprio passado do que do sonho do historiador”¹⁴.

Assim, a reconstrução histórica é necessária mesmo quando a memória social preserva o testemunho direto de um acontecimento, pois cabe ao historiador questionar este testemunho não por duvidar do relato, mas por que se assim não o fizer ele estará negando a sua autonomia como historiador no exercício de sua profissão. Ao mesmo tempo, o historiador estaria renunciando a sua independência com relação à memória social, aos métodos próprios a sua ciência e a reivindicação do direito de decidir por si próprio¹⁵.

Então, os historiadores têm como sua primeira tarefa *historicizar* a memória, na medida em que o que se busca no passado é algo que pode ter-se perdido, mas que se coloca no presente como uma questão não resolvida, ou melhor, que é possível buscar um passado perdido a partir das tensões no imaginário do presente¹⁶. Qualquer tentativa de usar a memória como fonte histórica tem que se confrontar desde o início com o caráter subjetivo, embora social, da memória. Como os fatos sociais evoluem e mudam com o tempo, a memória há de ter a sua própria história e uma das “melhores maneiras de ver qual o papel da memória *para* a história é observar a memória *na* história”¹⁷. Mas eles têm mostrado pouco interesse por estudos teóricos da memória enquanto tal, pois a memória só se torna vital quando inserida em contexto, pois é aí que começa a sua história. Assim, seus trabalhos têm se concentrado na descrição, pois o que importa é o que acontece

¹⁴ DUBY, Georges. Memórias sem Historiador. In: *Idade Média, Idade dos Homens: Do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 166.

¹⁵ CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. 2ª edição. Oeiras, Celta, 1999, p. 16.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁷ FENTRESS, James e WICKMAN, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1994, p. 20-21.

“quando a memória vem à superfície e o que acontece quando pensamos, articulamos e transmitimos as nossas memórias”¹⁸.

Investigada no âmbito de múltiplos campos do saber como a história, a filosofia, a teoria da literatura, a psicanálise, a sociologia, a antropologia, a memória é uma prática de intermediação entre as estruturas sociais, individuais e coletivas da identidade e os desafios da alteridade. Objeto difuso e com um amplo campo a percorrer no conhecimento humano, a memória foi inicialmente trabalhada pela sociologia e antropologia, que emprestaram um conjunto de conceitos e métodos de trabalho para o historiador. Entretanto, hoje a historiografia trilha seu próprio caminho na perspectiva do que Peter Burke chamou de “*história social do lembrar*”, isto é, a busca para identificar as “*normas*” de seleção das memórias social e individual e observar como variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, bem como a sua mutabilidade no tempo¹⁹.

Do ponto de vista da teoria da história, as relações entre história e memória podem ser consideradas, atualmente, como um tópico instigante, revelando-se em uma série de questionamentos: Por que tem crescido o interesse público em memória nas últimas duas décadas, seja por parte das instituições do Estado como a escola, seja através dos meios de comunicação de massa? Qual o papel de uma “*política da memória*” nas sociedades contemporâneas, com a expansão dos “*lugares de memória*”? Quais os meandros fronteiriços entre a memória e a história? A discussão do problema da memória faz o historiador duvidar de suas certezas e rever também a sua produção como produto de imaginário delineado por memórias específicas?²⁰

¹⁸ Idem, p. 242.

¹⁹ BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 73.

²⁰ SANTOS, Afonso C. M. dos. Memória, História, nação: propondo questões. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 87, out./dez. 1986, p. 6-7.

Partindo destas questões, elaboro agora uma breve síntese historiográfico dos combates entre história e memórias, propondo uma concepção de história como “*arte dos confrontos da memória*” como marca dos tempos contemporâneos.

HISTÓRIA DA HISTÓRIA DA MEMÓRIA

Patrick Hutton situa a emergência da memória no discurso histórico nos anos 1980 e 1990, quando se estabelece uma nova relação entre a história e a memória, trazendo consigo novas possibilidades para a interpretação do passado, ao se questionar o papel da memória coletiva na história e na construção das identidades coletivas, bem como a memória e o esquecimento enquanto fenômenos políticos. O interesse dos historiadores pela memória foi motivado pela influência da historiografia francesa, especialmente a chamada “história das mentalidades” em voga desde os anos 1960. O autor chama a atenção para importância das obras de Phillipe Ariès sobre a infância e as atitudes do homem ocidental diante da morte, na medida em que nelas se acentua o papel dos rituais comemorativos para o fortalecimento dos laços familiares no final do século XVIII e início do século XIX. A senda aberta por Ariès vai possibilitar o surgimento de um novo gênero histórico, que pode ser caracterizado como a “*história política da comemoração*”, sendo que a obra de Maurice Agulhon pode ser considerada emblemática da passagem de uma historiografia que se interessa mais pelas imagens do que pela ideologia, ou seja, centrada nas políticas da cultura²¹.

A partir da historiografia francesa, François Dosse antecipa para a década de 1970 o marco de mudanças das relações entre história e memória, ao realçar a obra de George Duby em sua empresa de “*desmitologização*” e de “*historicização*” da memória. Este autor relativiza

²¹ HUTTON, Patrick. *History as an Art of Memory*. Hanover and London: University Press of New England, 1993, p. 1-3.

o acontecimento fundador, de matriz positivista, mostrando que o acontecimento deve ser considerado ao mesmo tempo como surgimento do inesperado e como inscrição, vestígio da duração²².

Periodizando a história da memória, Hutton caracteriza a “primeira geração da história da memória” por um incipiente debate teórico entre seus autores. Talvez por isso os historiadores tenham “redescoberto” as obras de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva e a de Frances Yates sobre a arte da memória. Desde então, inúmeros trabalhos sobre as políticas públicas de comemoração foram realizados, enfatizando o papel desempenhado pela memória coletiva na construção da identidade nacional. Na medida em que buscavam os vestígios da memória nas representações culturais, o foco central das análises foi os artefatos culturais atuantes no conjunto das relações sociais e de uma economia da memória como museus, monumentos, filmes e novelas, cujo modelo é o projeto enciclopédico organizado por Pierre Nora, **Les Lieux de mémoire** (1984-1992), que acabou por influenciar outras iniciativas em diferentes países como os Estados Unidos, Alemanha, Grã Bretanha, Israel²³.

O projeto de Nora é importante não apenas pelos tópicos sugeridos, mas também por seu método de uma interpretação histórica, na medida em que alguns historiadores da memória, seguindo seu modelo, começaram a escrever história como se fosse uma arte de memória. Enquanto os historiadores convencionalmente localizam seus tópicos dentro de uma narrativa unificada, os que se interessam pela história da memória ancoram suas narrativas em lugares particulares de memória. Segundo a leitura de Hutton, o interesse pela memória derrubou a narrativa de seu *status* privilegiado como a fundação estrutural de história, cujo trabalho a história de mentalidades preparou o caminho.

²² DOSSE, François. *A História à prova do tempo: Da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001, p. 36.

²³ HUTTON, Patrick. History and Memory; Assassins of Memory: Essays on the Denial of the Holocaust. *History and Theory*. Volume 33, Issue 1 (feb., 1994), p. 95.

Alguns problemas podem ser levantados sobre os trabalhos desta primeira geração de estudiosos da memória. Primeiro, porque tais estudos tem tido uma noção não problemática de como a memória é produzida na sociedade. Também freqüentemente analisam a cultura como uma esfera autônoma desconectada da experiência social, o que acarreta uma ênfase sobre as representações culturais à custa das mediações e recepções das relações sociais. As imagens do passado são apresentadas como circulando autonomamente na esfera das representações, sem levar em conta que estas imagens são construídas a partir de relações sociais e de poder. Como consequência, a fragilidade destes estudos está na tendência a conceber a memória como uma entidade de símbolos sem ações, da cultura sem sociedade, de representações sem bens materiais e interesses²⁴.

Por outro lado, talvez por conta da herança halbwachisiana, não há, na maioria destes autores, um projeto de investigação que leve em conta distinções entre *Memória Individual*, *Memória Coletiva*, *Memória Social* e *Memória Histórica*. Entretanto, apesar de as memórias individual, coletiva e histórica se interpenetrarem mutuamente, não podemos confundir memória coletiva, memória social e história propriamente dita. Por certo, esta indistinção categorial provenha da fusão entre *atos sociais* com *coisas*, presente na tradição durkheimiana e que desemboca na Nova História francesa, especialmente nas obras de Pierre Nora e Jacques Le Goff sobre as relações entre História e Memória²⁵.

Ainda que a historiografia anglo-saxônica tenha criticado a obra halbwachisiana, no sentido de propor uma maior autonomia à memória, também sua leitura historiográfica tem desembocado na mesma

²⁴ CONFINO, Alon & FRITZSCHE, Peter. Introduction: Noises of the Past. In: _____. (orgs.). *The Work of Memory: New Directions in the Study of German Society and Culture*. Urbana: University of Illinois, 2002, p. 4-5 (Edição Eletrônica).

²⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História e Memória ou simplesmente História Oral? In: *Anais do Encontro de História e Documentação Oral*. Brasília: UnB/FA/CID, 1994, p. 7-8.

apropriação da memória pela história tal como proposta pela historiografia francesa, efetuando uma relação “*simbiótica*” entre história e memória, na qual utilizam-se os procedimentos e mecanismos da memória com base em critérios historiográficos. Enfim, ao não distinguir memória e história, opera-se uma identificação entre elas²⁶.

Na década de 1990 presenciamos, no âmbito da emergência industrial da memória, a proliferação dos memoriais do Holocausto através do mundo ocidental, demonstrando que, ao invés do esquecimento do passado, existe uma verdadeira obsessão com lembrá-lo. Surge, então, uma série de trabalhos sobre o Holocausto, que se propõe a escrever uma nova história da memória ao tentar analisar a memória no contexto das redes sociais, isto é, como produto de uma mistura de interesses e motivações materiais e imateriais²⁷. Essa “*segunda geração de estudos da memória*” distingue-se com relação aos textos da primeira geração pela tentativa de explorar como as pessoas comuns constroem suas memórias. A prática da memória tem sido explorada como um veículo para desestabilizar as fronteiras da historiografia de diversos países²⁸.

Ora, é necessário estabelecer uma articulação entre os estudos sobre a memória e alguns perigos que, via de regra, podem acontecer no seu relacionamento com a cultura. De um lado, existe o perigo de reduzir a cultura, política e a ideologia, ao invés de alargar o campo político para o social e o experimental, a uma história cotidiana da memória. De outro, também há o perigo de reduzir a cultura a uma noção vaga de memória, na qual ela é separada de outras memórias na sociedade e da cultura produzida em torno delas. Portanto, a memória como representação simbólica e prenhe de significado político é

²⁶ SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas/SP: EDUNICAMP, 2001, p. 41.

²⁷ HUTTON, Patrick. Mnemonic Schemes in the New History of Memory. *History and Theory*. Volume 36, Issue 3 (Oct., 1997), 378-391.

²⁸ CONFINO, Alon & FRITZSCHE, Peter. *Op. cit.*, p. 6.

óbvia e explica pouco se não for inserida na rede global de transmissão social e representações simbólicas²⁹.

Nesta perspectiva, temos autores que têm elaborado uma análise mais sofisticada sobre a validade da noção de “*memória coletiva*”. É neste sentido que, a partir da antropologia da memória, Candau sugere que a expressão “*memória coletiva*” é uma metáfora, derivando de uma influência extremista de Durkheim, na qual esta metáfora designa uma “coisa” social identificada segundo sua importância e constituída de representações do passado partilhado pelos membros de uma sociedade. Na perspectiva de uma proposta de retórica holística, pautada na estabilidade, durabilidade e homogeneidade, isto é, parte de elementos isomorfos para sua análise, esta idéia é dificilmente aceitável nos dias atuais, em virtude do “frenesi comemorativo” oriundo das mídias e do mundo político³⁰.

Frentress e Wickman propõem, inclusive, a substituição da noção “*memória coletiva*” por “*memória social*”. Segundo eles, se toda memória é coletiva, Halbwachs colocou um problema importante para os seguidores: “*elaborar uma concepção de memória que, sem deixar de prestar plena justiça ao lado colectivo da vida consciente de cada um, não faça do indivíduo uma espécie de autômato, passivamente obediente à vontade colectiva interiorizada*”³¹. Isto é, ele elaborou um conceito de consciência coletiva desligado dos reais processos de pensamento de determinada pessoa ou indivíduo. É por esta razão que os autores afirmam preferir “*memória social*” - para enfatizar a matriz social da memória e o caráter abrangente da mesma face às múltiplas memórias de coletivos - em vez de “*memória coletiva*” - conceito usado para designar o núcleo de recordações próprio de um dado grupo

²⁹ CONFINO, Alon. Collective Memory and Cultural History : Problems of Method. *The American Historical Review*. Volume 102, Issue 5 (Dec., 1997), 1386-1403.

³⁰ CANDAU, Joël. Le partage de l'oubli: lieux d'amnesie et déni commémoratif. In: <http://www.avinus.de/Candau.htm>. Capturado no dia 4/1/2005.

³¹ FRENTRESS, James & WICKMAN, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992, p. 7.

(família, classe, etc.) -, pois a “*memória coletiva*” não é uma soma uniformizadora de indivíduos e suas recordações³².

Alternativamente, Josefina Cuesta propõe que ao conceito - indefinido - de Halbwachs de memória social é necessário incorporar outros mais apropriados para a contemporaneidade, como a *memória pública*, aquela memória flutuante vivida e adquirida fora do grupo ou a *memória comum* que se refere ao conjunto de lembranças vividas pelos indivíduos e reinterpretados pelo grupo, aproximando-se mais da memória coletiva do que a memória social. Ainda podemos incluir a *memória popular* que tem em comum com a social seu caráter interindividual, mas não pertence a determinado grupo, não sendo, portanto, coletiva³³.

Ao efetuar um balanço de ambas gerações, podemos afirmar que a memória é produzida, mas também é produtiva ao nível das relações internas e das pressões externas. Como a memória é uma representação simbólica do passado incrustada na ação social, a questão essencial é, então, compreender como a memória modela, e não apenas como representa, as relações sociais³⁴.

Ora, o denominador comum das obras que nos inspiraram teoricamente sobre o *puzzle* entre memória e história é o fato de recolocar o presente como o momento privilegiado do tempo histórico. Autores como Walter Benjamin, em suas pesquisas sobre o passado, fizeram com que repensássemos concepções alternativas de história, colocando a memória como fonte inspiradora para ver a história de um novo modo, no sentido da libertação. Talvez, no futuro, a história pensada como “*arte dos confrontos da memória*” possa ser lembrada como a marca historiográfica do nosso tempo³⁵.

³² SOBRAL, José Manuel. Memória Social e Identidade. Experiências individuais, experiências coletivas. In: CARDIM, Pedro (org.). *Cursos da Arrábida: A História: Entre Memória e Invenção*. Lisboa: Publicações Europa-América/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998, p. 35-60.

³³ CUESTA, Josefina. *Historia del Presente*. Madrid: Eudema, 1993, p. 43-44.

³⁴ LANG, Karen. A polyphony of German Memory. *H-Net Book Review*. Published for H-German@h-net.msu.ed (june 2003).

³⁵ HUTTON, Patrick. Recent Scholarship on Memory and History. In: *The History Teacher*. V. 33, n. 4 (Aug., 2000), p. 533-548.

Então, essa história deve ser plural e ligada, através de uma reescrita permanente, a uma multiplicidade de memórias, na medida em que toda narrativa é escolha, relativa e temporária. Ante ao desejo de memória, os historiadores se viram instigados a renunciar à sua suposta neutralidade e colocar seu ofício a serviço da justiça, encontrando, assim, uma função crítica no seio da sociedade. Deixando de lado o terreno tranquilo da memória partilhada, os historiadores “tiveram que aprender a se movimentar sobre o terreno infinitamente mais difícil da memória contestada”³⁶.

³⁶ AYMARD, Maurice. História e Memória: Construção, Desconstrução e Reconstrução. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 153, abril-junho de 2003, p. 15.